

4

CANTOS DAS MONTANHAS



VERSOS DE
Servulo Gonçalves



RIO DE JANEIRO
Companhia Typographica do Brazil
93, Rua dos Invalidos, 93

1901

Handwritten signature or initials in blue ink.



CANTOS DAS MONTANHAS

DO MESMO AUTOR

Flores do Sertão.

Livro do Romeiro.

Brevemente:

Cantos do Povo.

BIBLIOTECA
BRASIL
NACIONAL

1.643.020 AA

13/06/2023

Aos Venerandos Amigos

Coronel Vicente Barreiros.

Major Olympio Galão.

em signal de alta estima e sincera amizade.

C. D. G.

© autor.

INDICE

	PAGS.
Cantos das Montanhas.....	1
Lyra christan.....	5
Homenagem a Jesus Christo.....	6
Ao ignoto.....	8
A poesia.....	9
A virgem.....	12
O nome de Jesus.....	13
Para o além.....	16
A tromba.....	17
Nos ermos.....	18
Deus e a Natureza.....	22
Na solidão.....	23
Primeira communhão.....	25
Descanço.....	26
O pobre.....	27
Cantos do seculo.....	32
Avante.....	35
Na cascata.....	37
O Estado de S. Paulo.....	38
Partindo.....	41
Canto do fim do seculo.....	42
Em pleno azul.....	45
Harmonias sociaes.....	46
Taubaté.....	52
Vozes do ermo.....	56
Americanas.....	58
Aririala.....	62
Jacyra.....	65

.....	68
A Yara.....	71
Arary.....	73
Populares.....	76
A viola.....	78
A mulata.....	80
No cateretê.....	82
O carreiro.....	85
O sacy.....	88
O moleque.....	90
Intimas.....	91
Pagina da mocidade.....	93
Sinha.....	96
No cemiterio.....	97
Volta.....	99
No lar.....	102
Adeus !.....	104
Lavro do simplorio.....	109
Variando.....	111
Quadro biblico.....	112
Cousas do tempo.....	115
Inverno com flores.....	117
Sogra ou frade.....	118
Pomada.....	119
Mea culpa.....	120
Fina flor.....	121
Signaes.....	122
Traz! Zaz!.....	123
Amor fatal.....	126
Fidelidade.....	129
Conelhos.....	133
Digressão.....	136
De vez em quando.....	





CANTOS DAS MONTANHAS

A minha lyra é do povo,
E' do povo o meu cantar,
— Quer veja o mesmo folgando,
— Quer veja o mesmo a chorar,
— Qüer nas horas do triumpho,
— Quer nas horas do lutar :
A minha musa se inspira
Nesse viver popular.

Eu não incenso a nobreza
Neste viver de plebeu ;
— Nunca ás portas dos palacios
Resoou um canto meu ;
Entre os afagos do povo
Meu livre estro nasceu
E nas montanhas floridas
A's livres auras cresceu.

Crente, d'aquelles que seguem
Singelamente a Jesus,
Sempre do puro Evangelho
Aos esplendores da luz,
Da estrella da liberdade
Que á gloria além nos conduz,
— Eu canto em versos singelos
As maravilhas da cruz.

Eu sou o cantor das montanhas,
O trovador popular
Que dos plebeus as tristezas
E gozos vive a cantar ;
Quer veja o povo folgando,
Quer veja o povo a chorar,
E' no seu viver singelo
Que procuro me inspirar.

Ai camponezas, ai moças,
Vinde ouvir o meu trovar,
— Os sons que a lyra desfere
Aos encantos do luar ;
— Os sons que vagos, errantes
D'aqui longe vão soar
Lá nas encostas da serra,
Dos sertanejos no lar.

Em cada nota plangente
Que de minha lyra sahe
— Soluça o pobre um suspiro
O infeliz solta um ai,
O triste arfa um gemido
Que dentro d'alma lhe vae ;
— Que tambem nessas dolencias
O meu coração se esvae !

Cantando, vae nestes cantos
— Minh'alma, meu coração,
Que os pensamentos me irrompem
A's vezes em turbilhão
Como essas chuvas de flores
Que o vento faz no sertão,
Além revoluteando
Dos ares pela amplidão.

Embevecido me deixô
Levar por mil ideaes,
A's vezes cantando gloria,
A's vezes soltando ais,
Como vão os passarinhos
Voando pelos rosaeas,
Como o fumo além se eleva
Em graciosos espiraes.

É que dentro em mim suspira
 A lyra do coração,
 Que sôa da natureza
 A mais leve vibraçãõ,
 Ao deslisar d'uma lagrima,
 Ao florir d'uma affeição,
 Ao surgir d'uma esperança
 Fenecer uma illusão !

Eu quero que o povo leia
 Estes meus cantos plebeus,
 Que sinta meus sentimentos
 Sentimentos que são seus,
 Que vivo como elle vive
 Seus pezares sendo os meus ;
 Que canto como elle canta
 A patria, a familia, e Deus !

Modestos, desprezenciosos
 Meus simples cantos lá vão
 Como uns murmurios errantes
 Das auras pelo sertão,
 — Aves que levantam o vôo
 Do ninho do coração. . .
 — Que achem pouso, descancem
 No seio da multidão !



LYRA CHRISTIAN

A' MEMORIA DE JORGE RODRIGUES

DEUS

O soberbo condor que o céu demanda
Do sol á pura luz além se erguendo ;
O tapir que nos montes sempre anda
Por cerrados sertões agil correndo ;

A catadupa que jámais se abranda
Rojando mil cachões ao abysmo horrendo ;
O céu que sua luz á terra manda ;
Os astros sideraes resplandecendo ;

A violenta e terrivel tempestade
Raios, nuvens, tufões, na immensidade
A soltar, — ao fragor de voz ingente :

Tudo nos falla em Deus e Deus revela,
— Que do universo a voz grandiosa e bella
Hymnos entôa ao Deus Omnipotente.



HOMENAGEM A JESUS CHRISTO

Levanta o teu olhar ao céu resplandecente
Onde sorri o amor ao refulgir da luz ;
Sobre todo o poder, em pre-excelsa gloria,
Alli verás reinando o nosso Bom Jesus.

Elle — o potente Rei dos seculos, — domina
Sobre todo o poder ovante, triumphal,
— Levando as gerações á sempiterna gloria,
— Cercando os filhos seus d'aureola divinal.

Resplende o seu poder, em toda a parte brilha
A magestosa Cruz, a Cruz da redempção ;
Onde o progresso expande as suas grandes azas
Ahi verás de Christo a poderosa acção.

— Eis por terra cahido, — em Roma e Grecia — o Erro ;
— A virtude, o saber valendo em toda a parte ;
As legiões do Bem — ao Deus o quer ! marchando
A' conquista da luz com rútilo estandarte.

— Eis o filho de Assis a transformar nos ermos
Os toscos espinhaes em deliciosas flores :
Eis todo a commover a propria natureza
Com sua terna voz aos mysticos amores.

— Eis o Gama feliz com destemido arrojo
De luzitano audaz, de forte navegante
A levar com valor e grande fé sublime
A magestosa Cruz ás terras do Levante.

Eis o grande Colombo, o genial marujo,
Indo atravez do mar um mundo descobrir,
Um mundo em que da fé ao singular impulso
Vemos, dos céus á luz, o povo progredir.

Onde reina Jesus o Bem floresce e brilha,
O coração se expande em feitos de valor ;
Rendamos glorias mil no declinar do seculo
Ao nosso Rei sublime, — o excelso Redemptor !

AO IGNOTO

AO DR. ANTONIO HYGINO C. DE OLIVEIRA

Vamos ! Além, além, no barco da Esperança,
A's brisas do desejo, em mares do infinito ;
Pandas, as velas vão, com placida bonança ;
Doura-me a rota azul o louro sol bemdito.

Onde vamos ? Não sei ! Na terra sou proscripto,
Aqui me sinto mal... E o barco rompe, avança
A procurar um sonho, a demandar um mytho,
Uma illusão talvez que surge mansa, mansa...

Estrella do poeta, andar no mundo errante,
Oh ! sempre e sempre atraz de uma illusão brilhante
Sem nunca além tocar ás praias da verdade !

Vamos além ! Levai-me, barco mysterioso,
A' região da luz onde palpita o gozo,
A' região feliz d'azul realidade !



A POESIA

Queres saber, ó formosa,
O que é a poesia?
— E' genio lá das alturas
Que vive só na harmonia.

Agita as azas de ouro
E vóa aos campos azues
E lá se expande ridente
Em catadupas de luz.

As vezes brinca sorrindo
Com as gentis borboletas
— No calix das magnolias,
— No seio azul das violetas.

Nos mares brinca travessa
Com as mimosas ondinas,
Nos montes forma grinaldas
De vaporosas neblinas.

De flôres nossa existencia
Corôa nestes paûes,
— Chimeras mil estrelleja
Nos vastas pampas azues

O viver da juventude
De mil flôres engrinalda ;
Vãoam louras esperanças
Em seu céu todo esmeralda.

Tece corôas de amores
Nas joviaes estações :
— Nas primaveras é flôres ;
— Nas alvoradas, canções.

Não vês da tarde serena
A luz de rubida côr ?
D'aurora fresca e rosada
Não vês o riso, o esplendor ?

Não vês as azas brilhantes
Dos passarinhos dos campos ?
Não vês as vagas estrellas
Dos erradios pyrilampos ?

As leves sombras da tarde,
Da noite o denso negror ;
Celagens alvas douradas
Do arrebol em fulgor ?

Não vês as lindas pombinhas
De galho em galho saltando ;
A fontezinha garrula
A relva, as flôres beijando ?

O teu divino sorriso,
O teu ternissimo olhar,
O teu sonhar de donzella,
O teu saudoso scismar.

A deliciosa brandura
De tua voz argentina,
Quando dos labios tu soltas
Meiga canção peregrina...

Da natureza não ouves
A deliciosa harmonia ?
Tudo o que vemos, sentimos,
E', meu anjo, — a Poesia !

A VIRGEM

A JAYME TEIXEIRA

Eva,— a bella mulher por Deus formada —
Entre as pompas gentis da natureza,
Era em tudo um primor e collocada
Foi, posta sobre o throno da belleza.

Em si resplandecia mais pureza
Que na estrella gentil da madrugada;
— Tinha mais do que a pomba singeleza,
— Era mais do que a rosa immaculada.

No seio do Edenico Paraiso
Brilhava com seu candido sorriso,
Radiosa de bondade e sympathia.

E mais que Eva, nos céus, oh! que prodigio!
Sublima-se da gloria no fastigio
— A virgem santa, a esplendida Maria!



O NOME DE JESUS

A ALBERTO GUERRA

Teu nome fulgura na noite sombria
Qual raio de luz
As almas afflictas, no meio das dôres,
Em seus amargores
Suspiram — Jesus!

Jesus! Esperança das almas que soffrem,
Consolo do triste,
A teu santo nome de tanta doçura.
De tanta brandura
Quem é que resiste?

Jesus! — E' o gemido da' virgem que pena
Em mesta soidão;
E' a voz arquejante do velho que chora
E fervido implora
Dos céus o perdão.

Jesus! — E' o murmurio da rosa que esfolha-se
Das flôres no meio;

O leve sussurro da lagrima benedicta
Que rola, palpita
Da virgem no seio.

O hymno festivo que alegre resoa
Na terra, nos céus;
A Elle serenam-se os turbidos ares
Se acalmam dos mares
Fataes escarcéus.

Solettra a creança teu Nome querido
Nas candidas flôres,
O sabio n'altura do céu infinito
De estrellas escripto
O vê nos fulgores.

Audaz marinheiro no seio dos mares
Escuta-o ao bramir
Das ondas que rolam soberbas, velozes,
Nas tremulas vozes
Do vento a rugir.

Eu sinto teu Nome, Jesus Nazareno,
Com tanta afeição
Soar como um hymno de doce esperança...
Em ti só descança
— O meu coração.

Nas trevas espessas de meu infortunio,
Nos ermos sem luz
Em que a tristeza meus dias consome,
Bemdigo o teu Nome,
Suspiro — Jesus !



PARA O ALEM

A ALVARO GUERRA

Eia! ás azas abri, meu pensamento!
Voemos mais alem ao céu brilhante;
Na via-lactea fulgida, radiante
Pairemos afinal por um momento.

Neste claro fulgor do firmamento
Lá das dôres mortaes longe, distante,
Gozemos o prazer de um só instante
Na sombra não tombar do soffrimento.

Grandes céus! Muita luz serena e calma,
E tão perto de Deus; aqui minh'alma
Sem as magoas gemer dos males seus;

Toma a lyra do amor; aqui levanta
O seu hymno de gloria pura e santa
Ao Supremo Senhor, ao Eterno Deus!

A TROMBA

AO EXM. SR. DR. ARNOLFO AZEVEDO

Dos fataes turbilhões das ventanias,
Condensado vapor n'atmosphera,
— Ella surge no mar medonha, fçra,
— Ella desce a bramir nas serranias.

Horrores traz do mar nas agonias;
A terra faz tremer e tudo altera ;
No triste revôar da morte impera,
Explóde com fragor nas penedias !

O monstro do anarchismo rubro, forte,
Em si a concentrar a guerra, a morte,
O mal, o desespero, a dôr, o abysmo. .

— E' o monstro cruel que o mundo tomba ;
— E' d'ordem social a grande tromba ;
— E' das grandes paixões o cataclysmo !



NOS ERMOS

AO EXM. SR. DR. JOSÉ VICENTE DE AZEVEDO

Sob frondentes arvores
Dos altaneiros montes,
Dos longes horisontes
A contemplar os véos ;
Ao som suave e brando
Da lyra sertaneja,
Minh'alma sobe, adeja
A's amplidões dos céus.

Cantor da soledade,
Do ermo a musa santa
O vôo seu levanta
Ao throno do Senhor ;
A crença que engrinalda
A minha juventude
De candida virtude
Dá-me o doce amor.

Alma que não se deixa
Vencer pela descrença :
Vai pela treva densa
Do seculo sem fé,
Tranquilla se banhando
Nos santos esplendores
Da fé de seus maiores
Que firme tem, de pé.

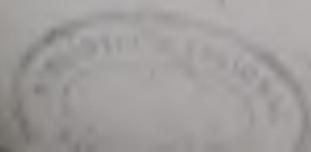
Quero viver tranquillo
Em esta fé serena,
Sinto a existencia amena
Cheia de paz, de luz,
Sob o influxo santo
Da religião sagrada,
Da religião pregada
Por nosso Bom Jesus.

Humilde entre os humildes,
Modesto sertanejo,
Meu unico desejo
E' doce paz gozar,
E, nestes altos montes,
A' patria e meus amores,
Ao Deus de meus maiores
Louvores elevar.

— A sombra da descrença
Minh'alma não invade :
A minha mocidade
Engrinaldada é
De crenças bemfazejas,
— Crenças que na fragrancia
De minha loura infancia
Hauri cheio de fé.

O' minha mãe, bendigo
Teu nome eternamente,
Porque suavemente
Ao maternal amor,
— Tu me ensinaste, santa,
Da infancia á juventude
— A senda da virtude
— A senda do Senhor.

Minh'alma, pomba errante
Dos celicos palmares,
Eleva-se aos cantares
A' voz da solidão ;
A fé que dá-lhe sempre
Sorrisos de esperanza
Eleva-a mansa, mansa
A' mystica oração...



Lyrá da soledade,
Dos ermos musa santa,
O estro meu levanta
A's amplidões dos céus ;
Quero voar contigo,
A' voz da prece pura,
A' celestial altura
Em que resplende Deus.

Um vago sentimento
Minh'alma toda invade. . .
Meu Deus, será saudade
Dos bellos céus azues ?
O mundo não me prende ;
Solta a prisão terrena,
Minh'alma vae serena
A' região da luz.

Ruflando as leves azas,
A minha phantasia
Aos céus da poesia
Vae rapida subir :
Em pleno azul voando
— N'azulca immensidade, —
Aos raios da verdade
Expande-se a sorrir !
Palmeiras, 1896.

DEUS E A NATUREZA

AO RVD. PADRE CARLOS PERETTO

Oh! quando o grande sol com sua luz fulgente
Surge com pompas mil lá no Levante,
As ondas aureaes do mar possante
Erguem salmos ao Deus Omnipotente.

Por mais que o mar levante vehemente
Seus hymnos de louvor ao Deus amante,
Por mais que o céu azul, bello, brilhante,
Eleve a sua voz alti-loquente,

O sol, o céu, o mar, a natureza
Hymnos não têm que possam a grandeza,
A belleza de Deus assaz louvar :

Deus, — a luz do universo, eterno, grande,
Com todas perfeições no céu se expande,
— Os mundos aos milhões a governar !

NA SOLIDÃO

A OLYMPIO DE ALVARENGA

Abre, minh'alma, as tuas azas; abre-te
Meu livre coração;
Longe, mui longe, do rumor gozamos
A paz da solidão;
No cimo estamos da montanha verde
D'onde a vista a estender-se — além se perde!

Eu desde minha infancia
Amei a solidão, silencio amei;
Eu sempre procurei
Do retiro feliz a doce estancia,
Que entre céus e montanhas, — Deus immenso,
— Só em ti e em teu amor tranquillo penso.

A brisa, que ramalha
Por entre o bosque que este sitio ensombra,
Por sobre a fresca alfombra
Ondas de aroma delicioso espalha,
Travessa brinca no meio dos verdores,
Palmas erguendo, desfolhando flores.

O meigo passarinho,
O delicado e lindo beija-flôr
Lá vaç, devagarinho,
Pousar sereno sobre a meiga flôr
Tremulo, tremulo, no seu vôo brando
A todas flores vaç além beijando.

O sol que já não arde
Além descamba n'occidente pallido ;
Um ar cheiroso e calido
Perfuma as azas da serena tarde,
E uns tons dourados de brilhante luz
Além se estendem pelos céus azues.

Entre céus e montanhas,
Nesta profunda e grande solidão,
Que sensações tamanhas
Inundam de prazer meu coração ;
— Tomo as azas da oração... o pensamento
A Deus se eleva além do firmamento !

Palmeiras, 1890.



PRIMEIRA COMMUNHÃO

A' EXM.^a D. ODILA RODRIGUES

Eis a joven gentil immaculada
De joelhos a resar constrictamente;
Traz a fronte de rosas corôada,
Cobre-lhe um véo de cor alvinitente.

Alma cheia de amor, coração crente,
Ao banquete do céu sendo chamada,
Quer ao seio guardar feliz, contente
A particula, a hostia consagrada.

Descem anjos do céu a circumdando,
De luz paradisiaca, a embalando,
Aos arroubos da fé santificantes.

E ella, — o seu coração a Deus abrindo
De prazer deixa ás faces ir cahindo
Das lagrimas as perolas brilhantes.

Lorena, 1900.



DESCANÇO

AO REV. PADRE GRAIA

D' aurora a fulva luz, a loura mariposa
Envolve-se feliz no calice da flôr;
No cume abrupto alto da ingreme montanha
O abrigo seu procura o altivolo condor.

Nas broncas serranias, antros do deserto,
Procura o seu refugio o destemido leão;
Os rios affluem ao mar e o mar sempre repousa
Do seio do infinito em grande immensidão.

Eu, — alma immortal, intelligente, livre, —
Do saphirino céu ao rútilo esplendor,
Pelo universo vou, — nas azas da esperança —
Buscar o meu descanso em vós, em vós, Senhor!



O POBRE

AOS MEUS CONFRADES DA C. DE S. VICENTE DE PAULO

Meu Deus, é triste ser pobre!
Ha tanta sombra no lar!
Imaginar ninguem pôde
Angustias, fundas miserias
De seu terrivel penar;
— Meu Deus, é triste ser pobre!

Creanças nûas, famintas
Alli se vê pelo chão,
Chorando, tristes, — gemendo
N'aquelle antro sombrio
Em que tiritam de frio,
Porque lhes faltam no mundo
— Simples migalhas de pão!

Alli fóra — em plena rua —
De dôres acabrunhado,
Immundo com seus andrajos,
Em seu bordão apoiado,
Andando penosamente,
Eu vejo um pobre aleijado
E vae tão triste... coitado !

A viuva abandonada,
Por seus filhinhos seguida,
Alli vae de porta em porta
Estendendo a fria mão,
Pedindo esmola... que importa
O mundo com suas dôres,
Com seu pranto a multidão !

.....
O festivo som do piano
Adormece o coração.

Em frente á casa opulenta
Um bordel alli se vê !
Da mulher alli vender-se
A razão sabem porque?...
Era pura ; mas, um dia,
— Pela miseria rojada, —
Vendera sua innocencia ;
Leva hoje uma existencia
De muita infamia, manchada !

— Emquanto do rico o filho
Sóbe as escadas da escola;
A's chuvas e sol exposto
Mendiga— o filho do pobre—
Nas ruas mesquinha esmola!

Bimbalham festivos sinos,
Ha festas, ha muita vida;
Mas.. . — as creanças têm fome,
— As virgens não têm amparo,
— Os velhos não têm guarida!

Nos festins esplendorosos
Ha prazer em profusão;
— Os felizes banqueteam-se
Não se lembrando do pobre
Que bem perto na miseria
Morre alli de inanição.

Desses palacios inuteis
Em que a indolencia dorme,
Eu fizera simples casas,
— Novos centros de labor,
— Em que sempre viveriam
Entre cantos, risos, flôres,
O trabalho, a paz, o amor.

A par de muita miseria
Ha muito luxo no mundo,
E o pobre soffre martyrios
Em seu desprezo profundo!

Meu Deus! E' triste ser pobre
No vil deserto da terra...
— Pobreza! Quantas misérias
Este nome não encerra!

Jesus,— o pobre operario,
— Simples filho de Maria,—
Na sua triste agonia
Todas fezes quiz provar;
Elle disse:— Eu tenho sêde!
E pediu com funda magoa
Uma só gota de agua
Para a sêde saciar.

Na montanha do Calvario,
Fitando os grandes espaços,
Abriu aos pobres — seus braços
E os abraçou lá da cruz,
Ai dôr! Do mundo a tristeza
Concentrou-se áquelle instante,
N'uma dôr dilacerante
— No coração de Jesus!

Os pobresinhos que choram
Vos imploram compaixão...
— Por amor do coração
De Jesus suave e pio,
— Tende dó de quem tem frio,
Tende dó de quem tem fome,
Tende dó de quem consome
A vida em prantos e ais:
— São muitas virgens singelas,
— Muitas viúvas honestas
— Muitos velhos sem arrimo,
— Muitas creanças sem paes...
E quem faz ao pobre esmola,
— Segundo diz o Evangelho —
É ao proprio Jesus que o faz.

- Uma esmola, pois, vos peço,
— Em nome do Deus eterno,
— Do amor immenso, terno
Do coração de Jesus:
— Uma esmola para os pobres
Nesta vida transitoria,
— Esmola que lá na gloria
Será corôa de luz!



CANTOS DO SECULO

Vita nuova

AO CAPITÃO THEOPHILO CASTRO

Eia, Trabalho, surge! Emmudecei, canhões!
Não retumbe o troar das hórridas metralhas,
As inimigas vis da gloria das nações.

Cesse por toda a parte o fogo das batalhas!
— Em toda a parte paz, em toda a parte amor;
O' fuge, negro mal que tanta dôr espalhas!

Os canticos da Paz succedam com dulçor
Das armas ao tinir, ao ribombar da guerra,
Das tubas marciaes ao bellico clangor.

Que haja mais união e mais amor na terra;
E' triste o pelejar dos homens que se odeiam;
Da morte o revoar as multidões aterra.

Melhor é procurar os ideaes que alteiam
Dos homens o pensar, o proceder sem lucta,
— Sem ver o sangue, o pranto que por ahi ondeiam.

As potentes nações com força resoluta
Mudar bem poderão as scenas luctuosas
Em scena de prazer, de prantos impolluta.

— Simples plebeu cantor das classes laboriosas,
Dos modestos heróes da lucta do labor,
Detesto com horror as luctas sanguinosas.

Eu quero sempre ouvir o silvo do vapor.
— Em gloria do progresso a retinir nos ares,
Levando o bem estar ao simples lavrador.

Eu quero yer voando sobre os verdes mares
Pandas velas a' abrir, o barco que, garboso,
Distante vae levar a vida a longes lares.

O canto eu prefiro singelo, delicioso
Do trabalho rural, ao hymno que resôa
Nas festas marciaes do paço magestoso.

Ao mesmo tempo que no grão palacio sôa
O canto triumphal da bellicosa gente,
Das guerras em louvor,— tambem o povo entoa.

Nas searas em flores e ao passar olente
Das brisas na campina humida de orvalho,
Ao romper d'aurora loura, resplendente,

- Os hymnos varonis do placido Trabalho,
- Os canticos de luz tão cheios de grandeza,
- O louvor das virtudes que cantando espalho

Ha nisto mais valor, ha nisto mais nobreza;

— E' o brado que hoje sae do seio das nações;

E o hymno universal da propria natureza:

— Eia, Trabalho, surge! — Emmudecei, canhões!



AVANTE !

AO AMIGO CAPITÃO JOSÉ GUERREIRO M. TORRES

A[?] lucta! Combater, ó batalhões de heroes !
Do mal devemos nós as sombras espancar,
Dos grandes ideaes aos purpurinos sóes.

Dos erros os castellos vamos derrocar ;
Deixemos para sempre as ruinas do Passado,
Do qual a escuridão nos pode dispersar.

— Eis o novo caminho nunca penetrado ;
— Eis a senda do Bem de rosas estrellada,
Sob um céu saphyreo, lucido, dourado.

Por ella caminhar ! — A fé acrysolada
Que temos no porvir nos levará ovante
Até o termo final da esplendida Cruzada.

Levaremos à frente o labaro brilhante
Dos louros ideacs de nossa mocidade;
— Coragem! — Avançar a passos de gigante!

E' nosso escudo a Cruz; divisa — a liberdade;
As trevas odiamos, hemos de lutar
Pelos principios são da candida verdade.

— Justiça á toda parte havemos de levar;
— A paz ha de reinar em todos corações;
Da fé o resplendor veremos irisar
O placido porvir de todas as nações!

NA CASCATA

A^a INSPIRADA POETISA D. NARCISA AMALIA

No ramalhudo ipé da densa matta
Que do grande espigão se vê na altura,
A brisa quando passa alli murmura
E flores d'ouro em turbilhões desata.

Alli perto despenha-se a cascata
No meio d'um grotão da selva escura;
Quando o sol por alli gentil fulgura
As aguas em cachões parecem prata.

Pendentes á cascata, em curvos ramos,
Seus ninhos alli têm os gaturamos
As pombas rolas que o sertão povoam.

Oh! como é grato ouvir naquella estancia
Das aguas o rugir e a consonancia
Dos passarinhos que cantando voam!



O ESTADO DE S. PAULO

AO EXM. SR. BARÃO DA BOCAINA

Ai terra querida que deste-me o berço,
Não posso um momento sequer te esquecer;
Nas tuas campinas bordadas de flores,
Eu heide morrer!

Errando saudoso por terras estranhas,
Na lotta da vida, na eterna romagem
Eu sempre na mente bem viva, bem pura
Conservo-te a imagem.

— Eu amo teus valles vestidos de lyrios,
— Eu amo teus montes banhados de luz,
E o céu estrellado com tanta magia,
Que tanto reluz!

Um dia, rojado por negro destino,
Aqui nestes ermos vim triste parar :
No peito ferido por funda saudade
 Não sei te olvidar.

D'aqui te acompanho com vivo interesse
A ver-te marchando com fé ao porvir,
A ver-te no mundo tão cheia de applausos
 No teu progredir !

Tu rasgas estradas nas selvas bravias,
Tu levas torrentes de tua instrução
A's tabas longinquoas dos rudes selvagens,
 — No extremo sertão.

Teus amplos desertos são hoje cidades.
— As tuas cidades são fôcos de luz :
— Estrelia radiosa de boa ventura
 Teus passos conduz.

Jardins florescentes de extrema belleza
Graciosos se estendem por tuas collinas,
E nedios rebanhos lá pastam tranquillos
 Nas vastas campinas.

Aos povos, sorrindo, com tanta bondade,
O Patria, tu dizes, mimosa, louçan :
— Ah! vinde! Eu vos quero! Aqui ha riquezas :
 — Eu sou Canaan !

Eu sou essa terra dos santos cantares,
Do leite abundante, dos favos de mel ;
— Esplende a fartura nas minhas entranhas,
Ha tudo a granel.

Abri os meus braços aos filhos d'Europa
E a Europa em meus braços contente sorri ;
Quem busca a riqueza nas leis do trabalho
Levanta-se aqui.

Em mim o commercio potente floresce,
Em mim a lavoura se vê prosperar :
— Meu solo é thesouro de tanta riqueza
Que basta o tocar !...

Na leda choupana de simples colono
Os fructos derramo da paz e trabalho :
— Prazeres e gozos e risos e flores
No mundo eu espalho.

Ai terra querida que ao longe diviso
De luz coroadada, vestida de flores,
— Meu ultimo suspiro será no teu scio,
Será meus amores !

Palmeiras, 1896.

PARTINDO

AO ILLUSTRE E ADEANTADO POVO REZENDENSE

A hora de volver á minha terra
Da qual longe aqui estou ha tantos annos,
Após trabalhos mil, mil desenganos
Nos meandros da dor em que se erra ;

Digo-te o meu adeus — que tudo encerra ;
Saudades, sympathia, amor... Tyrannos
Têm sido para mim da vida os annos
E a idéa de partir me assombra, aterra !

Povo egregio e feliz, — no teu civismo
As lições aprendi do patriotismo,
Os exemplos eu vi da liberdade.

Ai adeus! Vou partir, que a Patria chama...
Mas leve de teus céus no peito a chamma,
De teus montes azues — funda saudade !

CANTO DO FIM DO SECULO

AO DR. LIBORIO SEABRA

Nós viemos do passado em busca do futuro;
Nos enchem de pezar as magoas do presente
Em que do mal soffremos sob um jugo duro.

Queremos nos banhar á luz doce e nitente
D'aurora divinal da santa liberdade,
Que surge pouco a pouco alem resplandecente.

E' preciso livrar a pobre humanidade
Das garras infernaes da negra tyrannia ;
E' preciso vencer a vil iniquidade.

Que surja no horisonte d'amor o aureo dia,
O abraço fraternal que venha nos unir,
Enchendo os corações de candida alegria.

Os baixos preconceitos, que fazem-nos sentir
Os lategos do mal á face dolorida,
E' preciso do mundo rigido banir.

Com altiva coragem, forte, destemida,
Enfrentemos o mal e demos-lhe combate...
E a bastilha fatal veremos demolida !

As ondas populares dêem ao mal embate
E os grandes vagalhões farão alli ruir
— O castello do mal que tanto nos abate !

Oh ! como é nobre e bello ás luctas não fugir,
Bater-se sem temor por uma causa santa,
A coragem sentir no peito se expandir !

Simplez cantor plebeu, do povo, nos encanta
Este feliz pensar do bem que hade vir,
Trazendo a nós aqui felicidade tanta.

Queremos ver o povo altivo progredir
Aos sorrisos da paz ; queremos ver tambem
A justiça reinar nos dias do porvir.

O' justo Nazareno. Apostolo do Bem,
A corrupção innunda a nossa sociedade ;
Oh ! vem nos animar com teu apoio, vem !

Mataram-te na Cruz com tanta crueldade
Os tyrannos d'então, porque — manso pregavas
O Evangelho do Bem, aos raios da verdade.

E quando do paul os pobres levantavas
Chamavam-te de louco ! — Louco, porque vinhas
As cadéas quebrar das multidões escravas !

A sublime missão que neste mundo tinhas
Dos fracos amparar, — nós hoje continuamos
E tu com teu valor aqui nos encaminhas.

Nós queremos o Bem : por elle batalhamos ;
Nós queremos o povo do pó alevantar. . .
— Salvemos, pois, a idéa ou todos nós morramos. . .
— E' mais um passo além . . . coragem ! Avançar !



EM PLENO AZUL

AO EXIMIO PINTOR PT. MARQUES GUIMARÃES

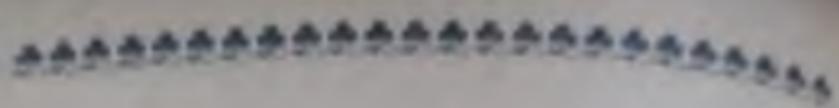
Vamos ! A primavera ri no prado
Festões a desatar de olentes flores ;
Arrulham pombas, tangarás cantores.
Pelos arbustos formam seu bailado.

Almo favoneo voa impregnado
De olor de sassafras, outros olores ;
Em pleno azul, no meio de esplendores,
Irrrompe em pompa rubro sol dourado.

Vamos ! Descançamos lá por florea alfombra,
Da canelleira em flor á doce sombra,
Entre, do valle, lyrios rescendentes ;

Lá, naquella mansão dos passarinhos,
Nos tufos de verdura entre os raminhos
De orvalho brilham perolas nitentes !

1900.



HARMONIAS SOCIAES

AO DR. PEDRO DE ALCANTARA ARAUJO

Alli na praça soberba
Um palacete se vê,
Em cuja larga fachada
Magnificencia se lê.

D'alli parte enchendo os ares
Amenissima harmonia,
De sons, de vozes, de cantos,
De jubilosa alegria.

Um bafejado da sorte,
Para quem o mundo ri,
Entre continuas delicias
Tranquillo respira alli.

Ouvi ! Que canção festiva,
Que deliciosa canção
Nos traz d'aquella vivenda
Dos montes a viração.

Ouvi mais ! A'quelle canto
Se une uma triste voz
Que, dolente, suspirosa,
Chega tambem para nós.

Parece o gemido triste
D'angustiado moribundo
A despedir-se chorando
Das injustiças do mundo.

Parece o choro plangente
De uma creança que chora ;
— De quem nas sombras da noite
Piedade a Deus implora.

Bem perto do palacete
Onde se ostenta a opulencia
Ha quem soffra toda a sorte
De martyrios da indigencia.

Um velho que tudo dera
Pela Patria, — o sangue, a vida, —
Leva alli com sua filha
Vil existencia esquecida

Enquanto por essas ruas
Mal podia se arrastar,
De porta em porta vivia
Com os cães a mendigar.

Hoje, — prostrado no leito, —
O que faz ? — geme, padece ;
Ninguém sua voz escuta,
De tudo á mingoa perece !

Esbanja-se tanta cousa
Neste mundo e muita gente
Entre delicias respira,
— A's dores indifferente !

A' voz alegre se une
O gemido do infeliz :
— Um canta o goso da vida ;
— O soffrer outro maldiz !

— E' o hymno do progresso,
O' multidões, applaudi-o,
Enquanto a prole do pobre
Morre de fome e de frio !

Soam descantes festivos
N'aquelles salões dourados,
Enquanto em tantas penurias
Morrem tantos desgraçados !

Brilhac, luz ; festiva gente
Em doudas walsas folgac !
Que importa as dores do pobre ?
Que importa seu triste ai ?

Como um som que o vento leva
O ai do pobre fenece ;
Folgai ! O prazer remorsos
De muito crime adormece !

Que importa que a orphansinha
Faminta morra na estrada ?
Que nessa orgia da virgem
Seja a coroa calcada ?

Que importa viver a infancia
No mundo desamparada,
A mocidade nos vicios,
A velhice abandonada ?

Que importa a cadeia cheia
De miseraveis detentos
— Sob pesados vexames,
— Inauditos soffrimentos ?

Que importa que o povo viva
Da ignorancia no abysmo ;
Que faça o mal entre o povo
Seu fatal proselytismo ?

Gozaes ! E outrem que chore
O peso dos males seus,
— Miséraveis egoistas,
— Corações ermos, sem Deus ? !

Gozaes ! Entre mil delicias
A vossa existencia ri...
— Jorrae, brilhante *champagne*,
Aureas taças, retini !

Ao gozo, á vida... bebamos
Mais esta taça, mais esta... —
E' o que dizeis aos enlevos
De vossa ruidosa festa.

E tendes inda o cynismo
De virdes do mundo á luz
Nos dizer que sois discipulos
D'aquelle pobre Jesus ? !...

Por isso é que a sociedade
Vae-se rojando ao abysmo ;
Surgem punhaes assassinos,
Surge o medonho anarchismo !

Ai ! E' preciso no mundo
Que o amor medre e floresça,
Que haja quem neste mundo
Do pobre se compadeça...

• •

Silencio l... Dolente, triste,
Vem soluçando outro ai...
Morreu o pobre ! É a filhinha
Clama,—abraçando-o,—meu pae !

.....

A's walsas seguem-se choros,
A's polkas seguem-se ais :
— Eis o concerto do mundo, —
— As harmonias sociaes ! —

TAUBATÉ

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá.

G. DIAS.

Saudoso te contemplo,
O' terra de meus sonhos,
Meus dias mais risonhos
Em ti eu desfructei,
E dias coroados
De prazenteiros gozos,
Momentos venturosos
Em ti quantos passei !

Abriste-me teus braços
Em minha infancia pura,
Tão cheia de candura
Fizeste-me te amar ;
E hoje destes montes
Na triste soledade
A lyra da saudade
Me fazes despertar.

Jardim immacussível
De frescas lindas flores,
Teus calidos olores
Quão doce é respirar ;
Em ti ousou minh'alma,
Em ondas de harmonia,
Aos céus da poesia
— Voar, — voar, — voar !

Deste-me em teu regaço
Asylo delcitoso ;
— Oasis delicioso
Sorriste para mim ;
Teu grato nome sempre
Será por mim louvado,
— Que a dor d'um desgraçado
Um dia déste fim.

Recordo-me saudoso
De tua amenidade,
D'aquella suavidade
Que tanto respirei ;
Enluaradas noites
Tão cheias de fragancia,
Ao rir de minha infancia,
Em ti quantas gozei !

De loura infancia risos,
Da mocidade flores,
E liberdade, amores,
Eu tudo tive em ti ;
— Bendito seja o tempo
Que em teu materno seio
No mais suave enleio
Tão placido vivi.

O' terra onde sorriram
As minhas alegrias,
Resplandecentes dias
De glorias e prazer ;
De ti vivendo longe
No meu isolamento
Um unico momento
Não posso te esquecer,

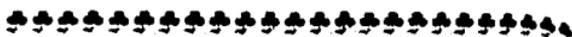
Ausente de ti soffro,
Aqui na soledade,
Intermina saudade
Indefinivel dor,
— Lembrança vehemente
De meus dias felizes,
Entre os gentis matizes
De luz, de paz, de amor.

Meus olhos sempre volto,
Humildes, lacrimosos,
Aos campos teus saudosos
Em que a paz sorri ;
Em que, na paz tranquilla
De meu viver de amores,
Colhi festões de flores,
— Sonhei, gozei, vivi !

Em meus saudosos sonhos
D'aqui te vejo ainda
A se clevar tão linda
Da mocidade á voz :
Ergue-te sempre, brilha
Nesse jardim de flôres,
— Terra de meus maiores,
— Berço de meus avós.

Do filho de teu povo
Recebe com bondade
De pallida saudade
A peregrina flôr...
E' o quanto mandar pôde
O coração que sente
Mesmo de ti ausente
— Extremos mil de amor !

Palmeiras, 1896.



VOZES DO ERMO

AO PROFESSOR BENEDICTO BRAZILEIRO

Eis os meus ideaes : — Buscar a liberdade
Para ao povo trazer a paz, a instrucção,
— Esse sonho de luz da nova sociedade.

Animo com ardor aqui no coração
Um profundo amor á causa popular,
A qual desejo ver sem tanta humilhação.

O' filhos dos plebeus, sentido ! Meditar !
Vae longa a vossa noite de agro soffrimento,
Deveis desse torpor altivos despertar.

O grande vôo segui do nobre pensamento,
Se quereis sempre á luz sem medo progredir,
— Tendo a Justiça, a Paz por vosso fundamento.

O' povo, meditar ! — Nos dias que hão de vir
A virtude trará o culto da verdade
E os vicios sociaes faremos succumbir.

— Rompa a pura luz com toda a intensidade;
A mentira fallaz que seja aniquillada,
Do povo em beneficio, a bem da humanidade.

Da massa popular a sorte desgraçada
E preciso ter fim, — oh! custe o que custar! —
— Dos puros ideaes á esplendida alvorada!

Se é preciso labor, devemos laborar;
Ha obices a vencer? Devemos ir alem
De fronte alevantada em rijo pelear!

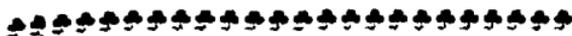
— Maldito todo aquelle que horror não tem
A baixa servidão e que lutar não vae
Na campanha de honra a procurar o Bem.

— Maldito todo aquelle que não escuta o ai
Do que vive a gemer, oh! venha a maldição
Sobre aquelle que em prol de seu irmão não sae.

— Maldito todo aquelle que fecha o coração
No dolente bramir da multidão rojada
Na crise social á triste escravidão.

Oh! basta de mentiras! E' missão sagrada
A's multidões dizer: — Erguei-vos sem temor,
A conquistar do Bem a gloria suspirada.

E' preciso pregar a religião do Amor
No templo do Dever, no templo do Trabalho,
Onde a — Penna, — Pincel, — a Charrúa, o Mafufo,
Erguem-se alli do sol ao rútilo esplendor!



AMERICANAS

A mãe d'ouro

À MIGUEL GONÇALVES

A' s selvas gigantes dās ermas montanhas
A guarda confiaram de rico thesouro :
— Um valle encantado, formosas riquezas,
— A linda *mãe d'ouro*.

Nas horas silentes da noite serena
Em que surge a lua por cima da matta,
Vestia-se o valle de rosas de ouro
E lyrios de prata.

Aquelle que ousasse, nas horas do encanto,
Aquellas paragens occultas tocar,
Teria um thesouro, teria da moça
— O doce gozar.

É linda a mãe d'ouro, brilhante e pura,
 Seu todo singelo, distincto, dono;
 É rica a mãe d'ouro... É a fama vossa
 Do valle famoso.

Rapaz que sabia da grande fortuna
 E mais da belleza, que tinha a mãe d'ouro,
 As armas tomando, se poz á conquista
 Do grande thesouro.

Soavam dez horas nas brenhas desertas,
 Jorram as estrellas seus raios de prata,
 Ao tempo que o moço metteu-se sem medo
 Ao seio da matta.

De longe ella via no fundo do valle
 As rosas de prata e os lyrios de ouro;
 Sentia-se preso por força invisivel
 Ao grande thesouro...

Contente, a formosa, de tel-o nos braços,
 Foi toda carinhos, afagos, amor,
 E deu-lhe presentes riquissimos, lindos,
 De muito valor.

No dia seguinte, do valle voltando,
 A' luz côr de rosa da crastina aurora,
 Sahu-lhe ao encontro rugindo furioso
 — O feio caipora, —

O torvo habitante das ermas florestas,
Que vive no mundo desgraças a dar.
Em vendo o mancebo do valle deserto
Ditoso voltar ;

Em vendo o mancebo radioso de gloria
Trazer os presentes da moça encantada,
Diamantes e ouro, — matou-o sem pena
No meio da estrada.

E hoje, nas noites de estrellas vestidas,
A moça, — deixando seu grande thesouro,
Por elle derrama nos valles e montes
— Seu pranto de ouro!



ARIRIAIA

A' ALFREDO SODRÉ

Nas curvas brilhantes do céu magestoso,
Desliza-se a lua com tibio pallor,
Tranquilla suspira na densa ramagem
 A tepida aragem
 Com leve rumor.

Das furnas escuras da triste caverna
Lá onde se asyla terrivel jaguar,
Levanta-se triste donzella formosa
 Esvelta e mimosa
 E põe-se a chorar!

Gemendo e chorando por valles e montes,
No campo relvoso, no bosque sombrio,
Lá vai a coitada! Que soffre? Que pena?
 Ai linda morena,
 A' beira do rio?!

A's aguas brilhantes do rio socegado
O rosto trigueiro contempla, se mira.
Que tem a selvagem nas brenhas nascida
Que chora sentida,
Que triste suspira?

Ouçamos seu canto de funda tristeza
Perdido nas sombras, nos echos além :
O canto sentido da triste orphandade
Que a voz da saudade
Trazer aqui vem,

Em lucta travada por tribus imigas
A' guerra rojada por vil *Anhangá*,
Os pais lhe mataram com força gigante
Só ella restante
Da tribu hoje ha!

Queimaram-lhe a *taba* com furia tremenda,
Nos echos rugindo tremendo *boré*:
A *taba* é só cinzas e ruinas e morte ;
A grande cohorte
Extincta hoje é.

Findando seu canto na dôr inspirado,
A filha inditosa do bosque sombrio,
Allivio procura das intimas maguas
No meio das aguas,
No seio do rio !

Gentil passarinhos de pennas douradas
As vezes vôando dos montes além,
Aqui apparece no meio das flores
Com tuos esplendores
Que só jacy tem.

Se diz ser a moça que vem sobre a terra
Nos altos deixando montanhas azues ;
Tupá lhe permite com summa bondade
Matar a saudade
Das terras da luz !

A' brisa da noite serena e macia
 Meus cantos sentidos eu hei de soltar,
 Acorda! Desperta, formosa Jacyra,
 E vem me escutar.

Ergueu-se da terra, vestida de flores
 A filha querida do velho pury,
 Esvelta, mimosa qual bella palmeira
 Do verde paty.

Circumda-lhe a fronte de negros cabellos
 O nimbo glorioso do grande *Tupá*
 E a dextra mimosa traz ramo virente
 De tymburibá.

A' fronte espaçosa do nobre selvagem
 Brilhava de pennas formoso *cocar* ;
 Altivo no porte, tornava-se bello
 Ao claro luar.

A lua dourada no campo celeste
 No meio das nuvens serena vagava
 E o grupo formoso de ternos amantes
 De luz circumdava.

A' luz que de leve tocava nos ramos,
 Nas franças copadas da selva gentil,
 Tabara e Jacyra seus labios uniram
 — N'um beijo febril!

O genio soturno que males semêa,
O fero, raivoso, maldito *Anhangã*,
Dos ledos amantes vingou-se com fúria
— No tymburibá.

A planta sagrada da linda Jacyra
Em breve foi vista por terra lançada;
A's nuvens não ergue mais bella e soberba
A fronde arrojada.

Luares de prata não beijam-lhe as flôres,
As aves das selvas não vem a beijar;
Apenas a aúrrora seu pranto de orvalho
Alli vem chorar!

Ai arvore sagrada que cedo tombaste,
Eu como lamento teu brilho não ver,
A gloria quizera de ver-te orgulhosa
N'altiva montanha com seiva a crescer.

Rezende, 1804.

A YARA

Além da montanha, do valle no fundo
Das mattas sombrias que crescem alli,
Um lago sereno de flôres orlado
Ha tempos eu vi.

As armas tomando, n'um dia bem claro,
N'aquellas alturas fui ledô caçar;
— As pennas douradas das aves bonitas
Queria juntar.

As pombas ariscas alli se escondiam
Alli se occultavam tucanos, jacús,
— Mansão socegada de pacas, veados
E mais dos urús.

Entrei pela matta tranquillo, sem medo,
Por onde trilhara soberbo tapyr,
O bando ligeiro das pombas fazendo
De medo fugir.

Perdido nas brenhas cerradas, bravias
Da casa paterna fui longe parar
E longe, bem longe fui ver esse lago
Tremar, palpitar.

A' beira do lago d'azul transparencia
Que moça bonita sorrindo lá vi;
Aos doces encantos de sua belleza
Confuso me vi...

Singela e mimosa qual lyrio do valle
Aos olhos tem ella tão doce brilhar,
Aos labios um riso, que a gente de gozo
Se vê fascinar!

Olhar feiticeiro de muita magia,
E um riso de fada que gozos só diz:
— Quem mora com ella no fundo do lago
De certo é feliz.

O mel perfumoso d'estranha doçura
A luz deliciosa do frouxo luar,
Dos campos o cheiro, não têm as blandicias
Que tem seu cantar.

— Vem cá; quero dar-te, travesso menino,
Pombinhas de prata, peixinhos de ouro;
Eu quero mostrar-te no fundo do lago
Meu grande thesouro. —

Quizera seguil-a, mas, cheio de medo,
Da moça encantada, correndo fugi...
Mãi d'agua lá mora no fundo do valle;
Eu sei, — porque vi!



ARARY

Restrujam nas brenhas meus gritos de guerra ;
A's armas, guerreiros ! Valentes, surgi !
Quem rompe das tribus gritando — vingança !
Sou eu, Arary.

Os filhos dos mares audazes intrusos,
Dos vis guayanazes curvando a cerviz,
Se apossam com fraude de nossas riquezas,
De nosso paiz.

São delles as selvas, os campos são delles ;
Lá erguem tranquillos no seio da paz
A *taba* d'estranhos ! — Vergonha, vergonha
A vós guayanaz !

Erguei-vos das selvas, tupis destemidos,
Os brios destes povos reclamam por vós ;
Aos fortes sonidos da *inubia* guerreira,
Surgi, carijós !

As ocas varramos dos vis estrangeiros;
Os vis guyanazes façamos morrer;
— Escravos d'um chefe que aceita cadéas
Não devem viver.

Em fogo nas veias meu sangue reserve,
Explodem meus odios qual riço trovão;
Aquelle que aceita d'imigo liança
Não é meu irmão.

A frexa que solto terrível, ligeira
A's nuvens lá toca, lá fere facy...
Erguei-vos, guerreiros, ao grito da guerra,
Do grande Arary!

Guerreiros! Esses brancos são gente mandada
Das ilhas da morte por vil Anhangá...
A' grande pocêma bebamos-lhe o sangue...
Vingança, Tupá!

POPULARES

Serenata

AO DR. F. PAULA FRANCO

O trovador da montanha
Da noite ao claro luar
No peito sente saudades
Faz o povo suspirar.

Enfeita a viola de fitas
E ramilhetes de flôres;
— Canta morenas esquivas,
Canta singelos amores.

As caipirinhas o querem
Porque n'alegre funcção
E' quem a ficira puxa
A' voz de sua canção.

Ai moreninhas travessas
Kisonhos anjos de amor
Amai! Tecei de mil flôres
Coróas para o cantor.

E' quem conhece a toada,
E' quem conhece as cantigas
D'a mãe d'agua feiticira
Que em nossos lagos se abriga.

E' quem tocando viola
A' luz das alvas estrellas
Mãe d'ouro vê se librando^o
Alem das nuvens tão bellas

E' quem conhece o caipora,
E' quem já viu boi-tatá
Errando pelos caminhos
Aqui, alem, acolá.

Singelo filho do povo
Nos livres campos nasceu ;
Ao sol, ao vento da serra
Alegremente cresceu.

Da natureza tem elle
O suspirar como o seu ;
Dos passarinhos no canto
O seu cantar aprendeu.

O seu livro é a natureza
Resplendente de fulgores :
— Estrellas no firmamento,
— Nas verdes campinas flôres.

A viola sôa afinada,
Que doce som della vae!
— Cantae commigo, morenas,
Filhas do campo, cantae!

Quebremos este silencio
Que reina na solidão:
A' roda, moças, cantemos!
Ao gozo, ao riso, á funcção!

Ai moças! Aves mimosas
Da selva brincam nos ramos;
Porque tambem não vivemos,
Porque tambem não amamos?

A mocidade festiva
Engrinaldemos de flôr:
— Em nossos lábios o riso,
— Em nosso peito o amor.

Acompanhae minha viola...
Mais outra vez... quero ver...
O' moreninhas, mais palmas!
Ao gozo! A' dança! Ao prazer!

A' VIOLA

A viração da montanha
A laranjeira agitou,
Logo de flôres mimosas
Toda a corrente brilhou.

Ah! que flôres tão bonitas!
Eu dellas quizerá ter
Grinalda que, meus amores,
Pudesse te offercer.

As flôres tão primorosas
Da laranjeira sombria
Cahiam, mas a corrente
Uma por uma seguia.

— Tu és gentilcamponesa
A laranjeira flurente;
— Eu sou ao pé te correndo
A peregrina corrente.

Estrelam minha existencia
De sertanjo cantor,
— Flôres gentis de tua alma
— Meigos sorrisos de amor.

A MULATA

Perdido de amores eu fico, caboclo,
Em vendo a mulata na rua passar,
Em vendo a mulata catita, dengosa,
A se requebrar.

Os seus requebrados têm tantas massadas,
O collo mostrando tão placido e nú,
As saias e fitas ao vento vôando,
Fazendo *fru-fru*.

Em ella passando tão cheia de graças,
Os moços suspiram feridos de amor,
E, presos, captivos de seus attractivos,
Exclamam: — Que flôr!

Ai gentes! Que moças se vê na cidadel
As taes mulatinhas têm tanto primor,
As taes mulatinhas têm tanta dengueice
Que matam de amor.

As lours são rosas que duram um só dia,
 Auroras que passam n'um sonho de luz;
 A côr de canella das meigas circoulas
 E' firme, seduz.

Cuidado, caboclo! se visses um dia
 A minha mulata pimpona passar,
 Ai, ai, que tristeza, que inveja terias,
 Que longo penar!

Nos olhos scintillam formosas estrellas,
 Estrellas de amores de brilho sem par,
 E rosa rubente na boca mimosa
 Se vê desbrochar.

Nos crespos cabellos que adornam-lhe a fronte
 Eu preso me vejo por força de amor;
 Agora a mulata minh'alma domina
 Com todo o rigor!

Não vejas... Não quero que vejas a mesma
 Nas formas, no traje, no todo tão chic;
 Não ha quem a veja tão linda, e dengosa
 Que louco não fique!

Sentido, caboclo, com minha morena!
 Vé lá, não te deixes tambem fascinar:
 — A côr de canella tem tanto attractivo
 Que faz encantar!

NO CATERETE'

Vinde ouvir minha viola,
Caipirinhas do sertão,
Vinde ouvir do sertanejo
A peregrina canção.

Passarinho côr de ouro,
Entre as flores do ipê,
Canta amores da montanha
As maravilhas que vê.

As borboletas mimosas
Que em bando voam no ar
Amam a frescura do valle,
Flôres que vêem desbrochar.

Entre as flores da paineira
Canta a doce viração ;
Entre vós, ó moreninhas,
E' feliz meu coração .

As mariposas do campo
Vivem de mel e de olôr ;
Formosas, meigas caipiras,
Eu vivo de vosso amor.

No galho da sapucaia
As pombas vão arrulhar ;
Nos braços das moreninhas
Eu desejo suspirar .

Amor de moça tem fogo ;
Amor de velha, geada ;
Vale o primeiro um thesouro,
O outro não vale nada.

Vinde ouvir minha viola,
Caipirinhas do sertão,
Vinde ouvir do sertanejo
A peregrina canção.

O CARREIRO

A. J. LAURO FILHO.

Vamos subir hoje a serra
Guiando nossa boiada ;
Nos doure o longo caminho
A estrella da madrugada,
Temos de andar legua e meia,
Eia !

Subiremos lá na grotta
Devagar, devagarinho ;
A subida tem perigo
Lá na volta do caminho,
No lugar dos gaturamos,
Vamos !

Com estes bois que levamos,
O rosado, o diamante,
Romperemos o caminho,
Poderemos ir avante...
Esse boi do meio toca;
Toca !

Em vendo perigo basta
Dizer á boiada — ôa !
Para o carro no caminho
Tirar d'alli é atoa :
A boiada é toda bôa,
— Ôa !

A' minha voz obedece
Esta bonita boiada
A caminhar pelo morro,
Ao tilintar da guiada ;
O boi da guia repara ;
Pára !

E' mineiro o *diamante*,
O *rosado*, de Goyaz :
Pegam certos no caminho,
O que faz um outro faz,
Porque são de boa casta...
fasta !

Igual a elles só houve
Neste mundo o *espadilha* :
— Era um boi de confiança
Que fazia maravilha :
Aquillo é que foi um boi,
foi !

Mas o dia já vai alto
E nós ainda na matta !
Toca esses bois para diante...
Quero ver minha mulata,
Que já não sei como vai !
Ai !

Temos de andar mais um pouco
Guiando nossa boiada ;
A cerração levantou-se
Do sol á luz prateada :
Vamos fazer legua e meia,
Eia !

O SACY

Chiquinha era moça que tinha caprichos,
Travessas chimeras na mente criava ;
Palácios de fadas, jardins encantados
Sómente sonhava.

Nas aras douradas de seu pensamento
Aos campos voava d'azul phantasia ;
As grutas de ouro, mãe d'agua nos ermos
Em busca vivia.

A sua mucamba, — mulata bregeira —
Contara-lhe historia do negro sacy,
— D'aquelle moleque que pula ligeiro
D'aqui para allí.

Mulata lhe disse, que em certa tapera,
Sacy era facil dormindo se achar,
Que nessa tapera perdida nas brenhas
Podia-se entrar.

Sacy não é branco, lhe disse a mulata,
 E' negro, mais negro que o lindo jacú,
 Não tem uma perna, vermelhos seus olhos,
 São como urucú.

E desde esse dia Chiquinha á mulata
 Instante rogava que lá a levasse
 Que o genio patusco das ermas taperas
 Então lhe mostrasse.

(Confesso o meu fraco : Da joven Chiquinha,
 Que era bonita qual rosa em botão,
 Eu muito gostava, rendia-lhe o culto
 De meu coração.)

Sabendo do caso, no dia marcado
 Lá fui á tapéra por ella esperar :
 O dia era claro : aos mattos dourava
 A chamma solar.

Curiosa Chiquinha, com muitos receios,
 Na velha tapéra sosinha lá vi :
 Por força a pequena lá dentro queria
 Achar o sacy !

Sahindo d'um canto d'aquella tapéra,
 Prendi a pequena n'um servido abraço ;
 — Sacy não existe... Armei-te esparrella,
 Cahiste no laço !

Eu isto lhe disse... Té hoje se ousou
O caso lembrar-lhe, ainda ella ri;
E rubra responde-me: Arre! Não quero
saber de sacy!

O MOLEQUE

Sou moleque feliz da fazenda,
Todo o mundo comigo se dá ;
Sinhá moça me faz seus luxinhos,
Seus carinhos a minha sinhá.

Sinhá moça me dá seus quitutes,
Sinhá velha me faz petiscar,
Sinhô velho me dá sua *pinga*...
E o moleque o que faz ? Agradar !

Tambem eu não cochilo, trabalho ;
Na fazenda o da frente sou eu ;
Nome doce na boca dos brancos
Já se sabe, creoulas, o meu !

Para tudo moleque ligeiro
E' dizer o que quer... tudo prompto ;
A cavallo no *Raio* pequirá
Com serviços de casa não conto.

Colho fructos com muita dextreza
Caçador de mão cheia aqui está :
E' tatù no mundéo, n'arapuca
Juruty, pap'arroz, sabiá.

Inda brinco com meus companheiros
Todas as tardes o tempo-será :
Eh ! moleque ligeiro ! Não conto
Com serviços de minha sinhá !

INTIMAS

GLORIA IMMORREDOURA

A' ELEITA

De perolas, coraes, rubins, brilhantes
De sedas e setins, velludos finos,
Ricas joias, primores peregrinos.
Em' fórmãs raras, gostos deslumbrantes,

Adornam por ahí suas amantes
Ao doce deslisar de seus destinos ;
Outros de rosas, lyrios crystallinos
Coroam as suas em festas delirantes.

Eu que não posso dar-te rosas, duro,
Por escrínio não ter, não ter thesouro,
E viçosos jardins de raras flores ;

A' gloria do porvir teu nome levo,
Cantando-te gentil, com doce enlevo,
Aos sons da lyra que eternisa amores !

PAGINA DA MOCIDADE

AO AMIGO PROFESSOR CHIAGAS PEREIRA

Anjo, mulher, demonio, ó flor de meus desejos ;
Eu quero te cingir e sempre nos meus braços
E morrer a sentir nos lubricos abraços
Esse cascatear sonoro de teus beijos.

Amo-te com ardor : sinto minh'alma toda
Deixar-se aqui prender dos olhos teus á luz ;
Esse vivo fulgor dos olhos teus azues
Faz a minh'alma errar apaixonada, douda !

Não sei porque te vi ! — Barreira de impossivel
Ergue-se ante nós enorme, colossal :
Vi-te para ter pena e só para meu mal
E' que tu floresceste ; ó rosa immarcessivel.

Porque fui eu te ver, porque da mocidade
Em ti vi desbrochar a fascinante flor,
Se tu ao sol dourado, — a meu ardente amor, —
Não tinhas de sorrir com toda a suavidade ?

Ver a teu lado um outrem — tuas formas puras
Em delicias beijar, sem eu nada poder ;
Oh ! que terrivel sorte ! Antes o morrer
Que este martyrio atroz d'insolitas torturas !

Anjo, mulher, demonio, quero-te, preciso
Sentir aos labios meus teus labios côr de rosa ;
Dá-me teus beijos, bella ! Dá-me, oh sim ! formosa
A teu amor ardente — o inferno ou o paraizo !

SINHÁ

Ai como te acho linda
Engraçadinha Sinhá !
Será porque és morena
E tão baixinha, será ?

Nesses teus olhos travessos
Scintilla o fogo de amor,
Que poder irresistivel
Tem delle aquelle fulgor !

Tu tens nas mimosas tranças
Um fascinante brilhar ;
Tu tens nessa boca rubra
Sorriso de enfeitigar,

Ver-te, mirar-te de perto
E casto ser... quem será ?
É's seductora, attractiva,
Pequerruchinha, Sinhá.

Poderei ser simples monge
Viver nos ermos, porém
Has-de ser o meu anjo
Irás comigo. Também

Posso fugir das mulheres
Uma por uma deixar,
Contanto que a mim sómente
No mundo vivas a amar.

Aos teus sorrisos, morena,
Não ceder, quem poderá ?
Aos teus olhares de fogo
Resistir quem ousará ?

E' pena que assim tu sejas
E não me queiras amar ;
Não pensas em mim, desgraça !
Não queres me escravisar.

Se meu amor tu desdenhas,
Porque me olhas assim ?
Morena, tu és tyranna,
Deves ter mais dó de mim.

Que meu coração não sirva-te
Acaso tu pensarás ?
— E's — pequerrucha —, elle — grande, —
Lá dentro tu folgarás !

Ai como te quero tanto,
Engraçadinha Sinhá !
Será porq ue és sympathica
E tão baixinha; será ?

NO CEMITERIO

Venho de longe a suspirar dolente
De meus amores nenia lacrimosa,
— Por ti chorando, minha flôr olente,
— Por ti chorando, minha flôr formosa,

Vendo esta campa tão cruel, saudosa,
Geme a minh'alma, com mil penas sente
Viver aqui de teu amor ausente,
Oh ! minha rola, oh ! pomba desditosa.

Se teus amores eu gosar pudera !
Gloria tão alta quem aqui me dera,
Quem me levára para o ceu contigo ?

Ninguem ! se estende sobre nós a sombra,
Triste da morte glacial que ensombra,
Nosso infortunio que a chorar maldigo !

VOLTA!

Mulher querida de meus sonhos, volta !
Quero te ver a me sorrir amores ;
Vem minha lyra despertar de novo,
Minha existencia coroar de flores.

Tu foste a aurora de meu amor primeiro,
Tu despertaste no meu peito amor ;
Sê o pharol de meu futuro inteiro,
Dá-me na vida teu gentil fulgor.

Se a negra sorte, no cruel momento,
Nos separara com cruel rigor,
Eu consagrei-te eternamente a vida,
Serás, formosa meu sincero amor.

Cerrou-te a morte teus formosos ciliros,
A' campa foste descançar, dormir ;
Crescem os goivos ao redor da campa,
A primavera vae alli florir.

Mas eu tão longe dessa campa ingrata,
Alli não posso simples flôr lançar ;
Longe só posso despertar saudades,
Tua lembrança com amor chorar !

Doura-me sempre o passageiro sonho
Com a mimosa, angelical visão ;
Volta ! não faltes ao luar da morte ;
Vem suspirar a juvenil canção.

Pelos espaços errarei contigo
D'um divo amor ao ignoto goso ;
O' branca pomba, da eternidade volta,
Da noite eterna ao luar saudoso !

Vestem-se os valles de formosos lyrios,
Vão pelos montes tangarás em festa ;
Em, tanto, bellas no meu triste peito
Nenhuma rosa de prazer mais resta !

Funda tristeza de mortal saudade
Pallida ensombra meu cruel viver ;
Morri tão cedo ás illusões da vida,
Senti tão cedo o coração morrer !

Vem, bella Eulina, desses altos mundos
Onde levaram-te os vaivens da sorte ;
— O' branca pomba da eternidade volta,
A' luz silente da funerea morte !

NO LAR

AO MEU IRMÃO A. CAMILLO LELLIS

Eis-me de novo neste lar... silencio!
Tudo mudado nem mais flores ha;
Na ramaria da gigante arvore
Já não gorgéa o gentil sabiá.

Aquella arvore que tocava ás nuvens
Já não existe, não sombrêa o rio;
Apenas este soluçando passa
Sob a ramagem do pomar sombrio.

Tudo mudado! Meu jardim singelo
Foi destruido pelo tempo ingrato;
Em vez de rosas, de cecens, de cravos,
Aqui viceja tristemente o matto.

Evoco a sombra do passado. Quero
Dessa existencia reviver um'hora;
Mas um silencio sepulchral responde
Ao coração que sem allivio chora.

Triste poeta! Minha estrela tomba
Entre as calligens de uma noite densa,
Meu coração dilacerado geme
Uma saudade do passado imensa!

Parti chorando deste lar querido,
Aqui deixando minha mãe saudosa,
Aqui deixando meus irmãos e a terra
Em que a cinza de meu pai repousa.

Porque parti, porque deixei meus lares,
Porque distante fui daqui pensar?
E' uma pagina de romance intimo
Que no silencio saberei guardar.

Depois de errar, peregrinar saudoso
Por outros lares onde tive ingresso,
A' minha terra novamente volto,
Ao lar querido timido regresso.

Ai que mudança por aqui! Não vejo
Nada d'aquillo que deixei um dia;
— Em toda a parte silenciosa ruina,
Uma tristeza hybernal, sombria!

Evoco a sombra do gentil passado,
Nada responde á minha voz; sómente
— Vejo na varzea o maricá crescido,
— Ouço o soluço da fugaz corrente.

Mais infeliz que as andorinhas ; ellas
Voam cantando para alem e voltam
Ledas, felizes, na revoada ; alegres
Canções de amores pelos campos soltam.

Parti chorando para alem, levando
Dentro do peito tanta dôr, ai tanta !
E volto triste a suspirar saudades,
Funda tristeza o meu valor quebranta !

O' da saudade merencoria musa,
Com os favoneos casa os tristes ais,
As santas alegrias do passado
Foram-se todas... voltarão ? Jamais !

ADEUS!

Suspira o vento na ramagem densa
Deste arvoredo que sombréa o chão;
Nos céus silentes vai correndo a lua
Pallida, envolta em sideral clarão.

Porque suspira no silencio o vento?
Porque o cypreste a este chão sombréa,
E a lua triste lá no espaço immenso
Pallida e triste sem parar vaguêa?

Ha tanta festa nos salões dourados,
Ha tanto goso e a mocidade ri;
E eu tão moço, porque motivo agora
Triste divago pela sombra aqui?

E' que este vento no cicio que agita
Canta da morte funral canção;
E' que o cypreste a se elevar às nuvens
Faz-nos lembrar a eternidade então.

E' que do espaço a fulgurante lua
Envolve a terra com mortal pallor ;
E' que minh'alma neste campo santo
Triste delira pelo seu amor.

Ai ! Ninguem sabe a saudade immensa
Que este meu peito com rigor comprime !
— E' a lembrança da mulher querida,
— E' a saudade de um amor sublime.

Oh ! quanto amei-a ! Quanto amor por ella
Eu neste mundo pude um dia ter,
Para mais tarde meu amor nascente
Ver entre prantos e mil ais morrer.

Ergue-te, Eulina, desta campã ingrata,
Surge das sombras aos gemidos meus ;
— Venho dizer-te, ao soluçar das brisas,
Do triste amante o — derradeiro adeus !

LIVRO DO SIMPLORIO

Rogações

AO POETA E AMIGO J. B. DOS SANTOS SOBRINHO

Desses pandegos sujeitos
Que ahi vivem satisfeitos
Aos outros passando o pé,
— E', — que sem honesta lida, —
Aqui passam boa vida,
Libera nos Domine.

Desses humildes senhores,
Cabisbaixos resadores,
— Devotos de falsa fé, —
Que zombam da humanidade
Com tamanha falsidade,
Libera nos Domine.

Dessas viúvas lampeiras
Serigaitas, regateiras
E delambidas até,
Que, — despresando o decoro, —
Ahi vivem de namoro,
Libera nos Domine.

Desse pac que a prole cria
A' grande pancadaria,
A cachação, pontapé,
E da instrucção não cura ;
Deste grande caradura,
Libera nos Domine.

Desses grandes commissarios
Que exploram por modos varios
O precioso café
Pondo os pobres lavradores,
A' mercê de mil credores,
Libera nos Domine.

Desses que nesta republica
Exploram a opinião publica,
Usando de falsa fé,
— Monarchistas disfarçados
Por quem somos explorados,
Libera nos Domine.

Desses nossos estadistas,
 Financeiros pomadistas,
 — Gente chinfrin e chué,
 Que um paiz tão rico e nobre
 Deixaram ficar tão pobre,
Libera nos Domine.

De todos males que vejo
 Nesta terra que desejo
 Ver feliz mais do que é;
 Dessa sucia de senhores
 Do paiz exploradores,
Libera nos Domine.

Dessa pobre quarentona,
 — Pintada senhora dona, —
 Que anda de *pince-nez*,
 E q'inda se atreve, — tonta, —
 Das moças ter-se na conta,
Libera nos Domine.

Dessa nossa fidalguia
 Que prega com soberbia:
 Cré com cré e lé com lé
 E que — pôdre de vileza —
 Só se firma na riqueza,
Libera nos Domine.

Desta velha gorda e suja,
Desta cara de coruja
Que de nós só anda ao pé
A rebolar sem decoro
Com monices de namoro,
Libera nos Domine..

Da mulher que dia e noite
É da casa o duro açoite :
Berra, xinga, bate o pé
E que, fazendo alarido,
Coça o pello do marido,
Libera nos Domine.

Da mulhersinha vaidosa
Que passar quer por formosa
E mostrar que rica é,
E, enquanto o calor acóde,
Gasta até mais do que póde,
Libera nos Domine.

Desses bons papa-jantares
Que dos grandes nos solares
Vivem só de rapapé
E sempre — de escova em punho —
Dão de si *bom* testemunho,
Libera nos Domine.

- Desses sovinas ricasas
Que de esmolas são escasas
(— Beatões de falsa fé,—)
E sob vistosos mantos
Querem passar por uns santos,
Libera nos Domine

De certa senhora dona
Affectada beatona
Que não sae de Deus ao pé;
Mas que em muitas falcatruas,
Cá por fóra faz das suas
Libera nos Domine.

VARIANDO

Da noite as sombras lugubres
Rolavam n'ampidão,
Por entre as nuas arvores
Chorava a viração

Umbroso, turvo, tetrico,
Causava tudo horror...
— A bolsa sem pecunio,
— O peito sem amor.

Em verdadeiro ocio
Um zonzo darwinista
Tornou-se, (Alan, que pandega !)
Tambem espiritista.

Variando, zonzo, tremulo,
Com seu espiritismo
Chamou, (Alan, que pandego !)
Os enjões lá do abysmo,

Com ar fradesco, extatico,
— Pescoço erguido, em pé,
As phrases cabalisticas
Tartamudeou com fé.

Mas ah! A sua dextera
Mais tremula de vez
A' mesa dava rigida
Um soco e... dous e... tres :

Pedi ao grande espirito
N'um tom humilde e fraco
Que lhe tirasse a duvida
Se era ou não — macaco

P'ra mim tudo é mysterio
E nebuloso é :
— Serei um ser angelico ?
— Serei um chipanzé ?

Darwin, contando historias,
Me diz macaco ser,
Emtanto a velha Biblia
De Deus me traz o ser.

Ih ! Ih ! O anjo pandego,
Ao som de herculeo murro,
— Não és macaco, disse-lhe,
Mas és...

— O quê ?

— Um burro !

QUADRO BIBLICO

Querendo certo pintor
Pintar n'um quadro decente
O patriarcha paciente
Pelo demonio tentado,
Tentado pela mulher :
Eis como põe-se a fazer :
— No meio pinta o — coitado, —
A — mulher — d'um lado pinta ;
— Carregando mais a tinta
A — sogra — põe d'outro lado.

Nenhum pintor neste mundo
Teve engenho mais profundo,
Fez quadro mais acabado !

COUSAS DO TEMPO

Como anda a hypocrisia
Hoje em dia a dominar!

Leva á egreja o seu livrinho,
A mocinha espartilhada,
Para que mais disfarçada
Possa aos moços namorar.

O mancebo diz á moça,
Que lhe tem amor sagrado
E o que quer o desgraçado
E' á misera enganar.

Com a filha do ricaço
Por — amor — se casa o moço,
E o — seu fim — é pôr no bolso
O — dotinho — que empalmar.

Dá em publico sua esmola,
Um senhor capitalista,
Para que — sendo ella vista, —
Tenha a imprensa que o louvar.

Diz um padre lá do pulpito: —
— Meu irmão, ama a pobreza;
Mas por causa da riqueza
Nós o vemos demandar.

Estadista diz ao povo,
Que do povo busca o bem:
Mas o que em mira tem
E' subir, é se elevar.

O que quer ir ao *poleiro*
Faz e faz muita promessa;
Mas... subindo, tudo cessa,
Sem do povo se lembrar.

O pedante embora saiba
Que em si ha treva densa,
Mostrando sua sabensa
Põe-se asneiras a fallar.

Taverneiro vende agua
Sob o nome de aguardente
E depois vem consciente
Mil virtudes ostentar.

Vae a egreja cabisbaixo
O hypocrita sujeito
E batendo sobre o peito
Por um santo quer passar...

Como anda a hypocrisia
Hoje em dia a dominar!

INVERNO COM FLORES

Um velho octogenario
Amava uma menina,
— Um ser mimoso, angelico,
— Belleza peregrina.

Estando um dia lubrico,
Ardendo de paixão,
Sem calma seu espirito,
Sem paz seu coração,

Lembrou-se então o misero
A seu amor levar
De cravos, rosas, lyrios
Um mimo singular.

Metteu a idéa em pratica
Sem a menor demora,
Oh ! sorte infelicissima
De velho que namora !
— Não ha maior caipora. —

Resmunga o velho tremulo:
— Anjinho, eu flôres trago-te,
Em troca quero amores...

Exclama a moça, rindo-se:
— Meu Deus ! Oh ! que prodigio,
O inverno dando flôres !

SOGRA OU FRADE ?

A manhã a romper um tanto escura,
Me tinha levantado ás cinco e meia
E vi defronte a mim, — enorme, feia,
« Uma estranha e phantastica figura. »

E a lembrança de vel-a me tortura,
Eu não posso tirar d'aquillo a ideia ;
— Era um largo carão de luá cheia
Suspenso da calçada á grande altura.

Era um tanto rapado e com careca,
Vermelho como a cara de boneca,
Com tinta de carmim ou de zarcão.

Que figura ratona na verdade !
Não sei se era — sogra — ou era — frade, —
O dono de tão rispido carão.

POMADA

Quem quiser nesta terra ser pimpão
E mostrar o ser gente d'alto tom,
Revele de *engraxate* ter o dom
E venha de comprido casacão.

Resida em mobiliado casarão,
(Finte embora o aluguel), e acho bom
Que festeiro se faça embora com
O cobre de sovina toleirão.

Não ande encorujado e jururú,
Arranje para o nome um W
E viva como um serio chipanzé.

E' assim que a impostura manda e faz:
Quem isto não fizer não é capaz
De aqui ser figurão, merecer fé.

MEA CULPA

Eu quando fui rapaz fiz o que pude,
— Namoros a valer, levei mil taboas.
E de tudo apezar não tenho magoas
Por mais que meu passado activo estude.

Que grandes arranhões dei á virtude ;
Sentindo das paixões as grandes fragoas !
Lembranças juvenis da troça trago-as,
— Uma nota sequer ninguem lhes mude.

Eu pintei o caneco, a manta, o diabo ;
Se das tintas do mal já não dei cabo,
E' que — basta ! bradou-me o velho fado.

Agora o que fazer ? O meu fadario
E' maus versos fazer, ver o rosario,
— No retiro viver encorujado !

FINA FLOR

Com tua *fina flôr* estás na ponta,
Vaes ser nova Pariz aqui no norte;
— Londres, Roma, Berlim te invejam a sorte,
O teu nome feliz — além remonta.

Quem vive agora em ti letras desconta,
Tu és do grande tom a grande côrte:
Oh! segue o rumo teu, nada te entorte...
— Com tua *fina flôr* estás na ponta.

Tu tens a flôr da gente, a gente seria,
Encarado sob o ponto da pilheria
Vaes sempre do ridi'lo às conquistas...

Mas com essa tal flôr estás lograda,
E' gente que só vive de pomada,
Uma sucia banal de pomadistas!

SIGNAES

A JOVINO BITTENCOURT

Se vires por ahí por essa praça
Um homem magro e curvo, amorenado,
De comprido nariz, olhar pasmado,
Apparencias senis, nenhuma graça ;

Vestido em desalinho e descuidado,
— Um typo trivial d'incerta raça
Que de ti muita vez por perto passa,
— Nesse *quidam* terás o teu creado.

Poeta jarretão mal instruido
Das musas na seara intromettido
D'ahí sempre mordaz o vicio ataca.

Alma balda d'amor, desilludida,
Aqui vae pelos páramos da vida
— Sem gloria, sem ventura e sem pataca !

TRAZ! ZAZ!

Ella viu-me, eu via-a, e nos amamos;
Aquillo foi — traz! zaz! namoro certo;
Demais a mais eu residia perto
Do sitio em que nós nos encontramos.

Algum tanto *bilontra* e meio esperto,
Eu sempre a ia ver e alli passamos
Instantes de prazer e combinamos
Pôr o nosso — fraquinho — a descoberto.

— Eu quero me casar com sua filha;
Disse ao pae da Yayá, e, — maravilha, —
O pae rosou: — Pois, sim... Nos entendemos.

Pudera! Se o amor desvergonhado
Procura sempre dar o seu recado
— Eu quero, — ella quer e — nós queremos!

AMOR FATAL

A FRANCELISIO LOBATO

- **A**deus, moça, eu parto ; — que o destino
E' que me força a partir
— Não me deixes, ingrato ; se partires,
Eu pouco hei de existir.
— Bem quizera ficar,
Que me prende o fulgir de teu olhar ;
Mas eu tenho de partir...
— Pois, faze o que quizeres, que eu prometto
De ti bem me vingar
— Depois não vás chorar.

Parti ; levei no peito uma tristeza
Que não posso dizer :
Acabrunhado de magoa e de saudade
Vi desbotar a flor da mocidade,
Senti meu peito suspirar, gemer...
Era tão engraçada
A minha namorada!

Ao partir deixava no seu quarto
 Um ramo de alecrim.
 — Talvez a contemplar o murcho ramo,
 Tenha saudades de mim;
 Deixando-o, suspirei.

Vivi longe da moça muitos annos
 Sem ter noticias della;
 Ninguem dizia-me ter ficado feia
 Ou conservar-se bella.
 Puz cartas ao correio,
 Mas resposta... quando?
 Que monstruosa, descommunal saudade,
 Que terrivel anciedade!

Um dia ao lar voltei,
 E, perguntando por ella,
 Responderam-me assim:
 (Ai de mim!)
 Aquella moça, aquella
 Que tinhas por tua namorada
 Ha muito tempo que já está casada
 Com um velho portuguez:
 Já tem uns dous filhinhos
 Louros, bonitinhos,
 — Que faz gosto vel-os
 Por seus crespos cabellos...—
 Em vespera de tres.

Eu fui á casa della.
 Ao ver-me tóto triste, encalistrado,
 Em vez de consolar-me
 Com palavrinhas doces
 E doce moscatel,
 Sabe o que fez a cruel?
 Cobriu-me de ridículo,
 Soltando um riso fresco, endiabrado.

Perguntou-lhe o marido :
 — Quem é este palerma
 Que temos hoje em casa,
 Este nariz comprido?
 Que grotesco animal!
 Eis aqui a resposta
 D'aquella moça ingrata
 Então para o meu mal
 E mal que fere e mata?
 — Pois não sabes quem é?... Aquelle tal.

— Aquelle tal?

— Que me deixara um dia
 O ramo de alecrim.

Hum!... O patife riu-se
 E olharam para mim.
 Imagina qual não foi o meu carão
 Com tal recepção!

Fui d'alli me safando incontinente;
 — Maldicta condição, maldicta gente!



FIDELIDADE

Chamas-me volúvel,
Porque? Nem eu o sei.
A ti não me liguei
Por laço indissolúvel?

Minha fidelidade
Bem vês! E' bem conhecida:
— E' tua a minha vida
Por toda a eternidade.

Quero o que tu queres;
O que tu pensas, penso;
No mundo vasto immenso
Prefiro o que preferes.

Tu tens mais que um amante
E mais que uma tenho;
Em te seguir me empenho...
— Bem vês que sou constante.

Eu mal de ti não fallo.
Faz o que desejas:
A quem tu queres beijas,
E vendo tal me calo.

Vivo de ti gostando,
Porque tu és assim.
Mas gostarás de mim
O mesmo praticando?

Seguindo a natureza
Da liberdade gosto;
Não és assim. Aposto,
Que em ti ha mais crueza.

Sigo os teus passos, bella;
Faço o que fazes, flor;
Nosso fiel amor
Em tudo se revela.

Quando a um outro beijas
Pensas de certo em mim;
Tambem pratico assim
Embora tal não vejas.

Em ti pensando um dia
Dei beijos na visinha
— Já eras então minha
E te correspondia.

Minha fidelidade
Em tudo se revela: •
A todas amo, bella;
— Vê que sinceridade!

Amante mais fiel •
Que eu não acharás;
Deixa-me, pois, em paz,
Não sejas tão cruel!

CONSELHOS

« Sua porta cerrará,
seu visinho louvará,
se quiser viver em paz ».

Quando tiver sua casa
Algum mimoso guisado
E seja de seu agrado
Não repartir com os mais ;
Quando o visinho fôr gente
Muito pedinte, exigente,
— Feche sempre a sua porta.

Se o coitado do visinho
Não fôr sujeito mesquinho
Dê-lhe pão e queijo e vinho
E lhe solte algum dinheiro,
— Seja também cavalheiro,
Louve elle á bocca cheia
Abra a elle a sua porta
— Franqueza leal amiga —
Que nobreza assim obriga.

Quando o visinho for desses
 P'apa-jantares brejeiros,
 Que levam dias inteiros
 A cacetear-nos sem dó,
 Da vida alheia fallando
 E vinho beberricando,
 — Feche sempre sua porta.

A sujeito almiscarado
 Todo *pchutt*, da môda,
 D'aristocratica roda,
 Que quer frequentar-lhe a casa,
 Porque tem filha bonita
 A quem affecta gamenho
 Arrastar a sua aza
 — Nas ventas feche-lhe a porta.

Se tem dinheiro e algum fresco,
 Algum vivo capadocio
 Vem propor-lhe bom negocio
 Vantajosissimo, de arromba,
 A este sem mais nem menos
 A' cara fechar a porta.

Ha homem que enverga opa
 E que d'agua benta zela,
 Mas que por feitos revela
 Ser um rafado tratante

Apodrecido de vícios ;
 — Nada de trégoas com elle
 E nada de sacrificios,
 — Cerre-lhe logo a carranca
 E á porta reforce a tranca .

Corra de rabulas, medicos,
 De subscrições, de emeticos ;
 Fuja de abaixo-assignados,
 De negociantes fallidos,
 Capitalistas quebrados
 E patriotas fingidos
 E fazendeiros sem cobres ;
 Não namore moças pobres,
 Sejam embora muito bellas
 Tenham *puffs*, risos, graças,
 Façam bem suas anquinhas
 E tetéas e franginhas,
 Porque ter póde a desgraça
 De casar com uma dellas .

Se pretender algum dia
 Tomar estado, cautela !
 Fuja de moça amarella
 E não queira se casar
 Com essas moças bonitas
 A' custa de pós e litas,
 Cuja vida é bandoleira,
 Só vivem a namorar .

Teme os *humildes* beatos,
Os homensinhos *pacatos*;
Teme a lingua do calado ;
Seja em tudo desconfiado
Sobretudo dos politicos
Neste mundo desconfie
E muito menos se fie
Nas conversas das comadres
Que envolvem sempre os compadres
Em cerrados cipoaes ;
Não tenha muita confiança
Em recado de creança,
Em telegrammas, annuncios.
Que enchem tantos jornaes
De pêtas pyramidaes...
Se quizer viver em paz.

DIGRESSÃO

(IMITAÇÃO)

Vamos além, á cidade?
Ha muito lá que se ver,
Ha muita cousa exquisita
Que se fará descrever.

Temos lá um gordo velho
Que passa por santarrão :
— Ratazana que engordara
No — queijo — da religião.

Temos muitos poetastros
De estylo pifio e balôfo,
Que nos dão versos, mais versos
De choradeiras com mófo.

Temos umas beatonas,
— Sujcitas de cara feia, —
Que padres-nossos mastigam
Fallando da vida alheia.

Temos um juiz de direito
Que tantas torturas fez,
Que agora anda corcunda
E — torto — por sua vez.

Temos um padre famoso
— O maior dos prégadores:
— Pregara mais de mil fintas
Aos pobres fornecedores.

Temos tambem na cidade
Um pinta-ratos de truz,
Que tambem já pintou o sete,
Por causa do jan da cruz

Temos feliz taverneiro
(Agora com pansa cheia),
Que fez fortuna vendendo
Mixto de assucar e areia

Vereis nas casas dos grandes
Com seus ares e tomareç,
Engravatados sujeitos,
— Teimosos papa-jantares.

Anonymato na ponta,
Empanturrado civismo,
Ao lado desses pansudos
Enfermos de patriotismo.

Os jacobinos, damnados
Por causa do patrio osso,
Dizem: Larga! aos estrangeiros,
Que este Brazil não é nosso.

Vamos lá. Temos de muitas
E muitas cousas nos rir
E tambem fazer o povo
Comnosco se divertir.

DE VEZ EM QUANDO

Quando n'uma casa manda
A mulher mais que o marido,
Deve ser na mesma casa
Tudo da ordem invertido:
— Andem panellas na sala,
Mesas de pernas p'ra o ar;
A mulher ande de calças
— Para ser mais regular.

Quando vejo algum sujeito
Todo o mundo a bajular,
— Escovadelas mimosas
Neste, n'aquelle a passar,
— Sempre com risos nos labios
E palavrinhas de amor,
— P'asso-lhe carta, de prompto,
De perito adulator,

Quando alguém no mundo passa
 Por enorme santarrão,
 Sempre na igreja de joelhos
 E de rosário na mão;
 Mas que de facto anda longe
 Das doutrinas de Jesus,
 — Pondo-te delle mil leguas
 De longe fazê uma cruz!

Quando o padeiro promette-nos
 Vender mais barato o pão
 E diminue-lhe no peso
 Em sensível proporção,
 Comigo aqui considero:
 — Este pão a *baratear*
 E' capaz até de em pilulas
 Um dia se transformar

Quando alguém da *quebradeira*
 Põe-se o effeito a sentir,
 E aqui vê a bicha feia
 Se approximar, sempre vir;
 Envergando logo a *opa*,
 Ouvirás elle dizer:
 — Se tantos já vivem disto,
 Porque não hei de viver?

Quando tantas velhas hoje
 Fazem tantos requebraços,
 Como querer que as meninas
 Não tenham seus namorados?
 O exemplo é que faz tudo,
 E o destas velhas... caluda!
 E' d'aquelles que se exclama:
 «Que gente! Deus nos acuda!»

Quando o fresco viuvinho
 Deixa o preto, o roxo veste,
 E d'um tom mais alliviado
 Pouco a pouco se reveste,
 Ai, ai, ai! Apaixonado
 Vae deixando sem tormento;
 — Em scena temos cupido,
 — Algum novo casamento.

Quando essas moças que gostam
 De bonecos enfeitados
 Vêem passar rente ás janellas
 Uns tolos empavezados,
 Segredam umas ás outras:
 — Que rapazinhos bonitos!
 E allí mesmo os paes resmungam:
 — Que sujeitos exquisitos!

Quando vejo algum finório
Andar com subscrição,
Amaneirado querendo
Nos levar de leve a mão :
— Tem-te lá ! De longe digo-lhe :
Saber desejo primeiro
O que pretendes fazer
Deste meu rico dinheiro ?!

Quando nas mesas de jogo
Se escancha o pae de familia,
E, perdendo sempre e sempre,
As noites passa em vigilia,
Em vendo tanta miseria,
Sentindo tanto prejuizo,
— Duvido que os jogadores
Sejam sujeitos de juizo.

Quando vejo as beatonas
Correndo dos beatões,
Aquellas por serem altas,
Estes serem pobretões ;
Fico meio atarantado
Ante tão grande humildade
E, persignando-me, digo :
— Isto, sim, que é caridade !

Quando o medico receita,
Manipula o boticario,
O escrivão do registro
Vai buscar o obituario,
Porque sabe que o docente
Dessa vez vai, não escapa:
— Tem de morrer fatalmente,
D'obitos vai para o mappa.

Quando um basofio mestraço,
Cheio de pifia vangloria
Inda aos alumnos castiga
Com a feral palmatoria,
Com justiça deve dar-sê
A tão teimoso casmurro,
— Não a patente de tolo,
Mas o diploma de burro!

Quando vou por estas ruas
Rente, bem rente ás janellas
Vejo mil velhas curiosas
E mil moças amarellas,
Eu julgo que nessas casas
Por certo não ha serviço,
Que se houvesse... impossivel
Seria tanto derriço...

Quando algum velho barbaças
No salão põe-se a pular,
Em vez de ver o rosario
E n'um canto cochilar,
Eu julgo que do maluco,
— Das piroetas na volta, —
A sizudez anda longe,
Juizo em revira-volta.

Quando a eleição se approxima
— Machiavelica qual é —
E me vem fallar de votos
Espoleta lagalhé,
Eu fico tão enojado
Com esse biltre atrevido,
Que viro frade de pedra
E não lhe presto sentido.

Quando em passeio me vejo
Aqui por estes caminhos
Encontrando pelas voltas
Fedelhos de cigarrinhos ;
Eu — que ainda não fumo
Aos maduros quarentões, —
Aprendo com as crianças
Estas, mais outras lições.

Quando algum homem caído
 Eu vejo andar de namorado,
 Offendendo á sociedade
 Com tamanho desaforo ;
 — Um bom relho que o persiga,
 (Eu digo com meus botões),
 Que é tudo quanto merece
 Por tão tolas pretensões.

Quando algum velho inda pensa
 Macaquear D. Juan,
 E, delambido, procura
 D'amores a gloria van,
 Um a mil banhos de ducha
 Deve por força tomar ;
 — Louco varrido não sendo,
 Talvez possa se salvar.

Quando uma velha se pinta,
 Põe dentadura postiça,
 Polvilha os pés de gallinha,
 Toda se enfeita e derriça :
 Eu julgo que a lambisgoia
 Com tamanho disparate
 Tem macaquinhos no sótão,
 — No peito algum bonifrate.

Quando ouço um estrangeiro
 O meu país difamar :
 O Brazil pôr ao ridiculo,
 Dos brasileiros fallar,
 Digo-lhe : — D'algum navio
 Bem deve saber a escala...
 Se está mal, está em pouco :
 — E' voltar com sua mala.

Quando ouço do governo
 Algum Mané fallar contra,
 E' que as festas do governo
 Chuchar não pôde o *bilontra* ;
 Quem manha n'alguma têta
 Bem reparo ser calado
 A te dizer que nós todos
 Andamos n'um *El-dorado*.

Quando vejo esta Republica
 Com tamanha fidalguia :
 Leguas, mil leguas distante
 Da real democracia,
 Eu ponho a mão ás ilhargas
 E de bocca escancarada,
 — A's ventas republicanas
 Dou enorr... me gargalhada

Quando pé ante pé penetr
 Dentro da nossa matriz,
 E sob a abobada enorme
 Accommodo o meu nariz,
 Se diante o altar contemplo
 A hypocrisia ajoelhada,
 Me benzo e depressa saio,
 — Que não quero caçoada.

Quando um lapuz intenta
 De versos fazer um cento,
 De engrossadores a turba
 Logo exclama : — Que talento !
 Mas a senhora critica
 Que tem pensar diverso,
 Reduz o talento a zero,
 A menos que zero o verso !

Quando um sujeito se arvora
 De qualquer terra em mandão,
 Sem ter prestígio, mas tendo
 Do governicho o bastão,
 Se de repente lhe falta
 A força que tanto faz,
 — O borra-botas á vala
 Aquillo vai... catapraz !

Quando me chama de feio,
De poeta orangotango
Alguma moça bonita,
Eu acho sal, não me zango ;
Mas quando uma velha tenta
Me defender... ai castigo !
Pergunto-lhe em tom de moça :
— Que tem vosmecê comigo ?

Quando algum critico pulha
Põe-se d'outrem a fallar,
Só porque tem a mania
De viver a parolar,
Cortezmente lhe pergunto :
— Perdoe-me V. Excellencia...
Porque se arvorou em critico
Faltando-lhe a competencia ?

Quando um sujeito é rico
Tem amigos e qualidade,
— Compadre de todo o mundo,
E' o mandão da cidade ;
Se, porém, do sobredito
A fortuna em breve vóa,
A' uma voz todos dizem :
— Quem pensava ? Um cousa atôa !

Quando estas e outras cousas
Me p'ouho a considerar
T'veja que tudo anda
Hoje de pernas p'ra o ar,
Como para palmatoria
Deste mundo não nasci,
A rir-me de tudo e todos
Ponto final ponho aqui.

Lorena, 1900.

